

L EITURA, ESCRITA E
RELAÇÃO COM O
CONHECIMENTO

coleção fazer @-parecer

 EITURA, ESCRITA E
RELAÇÃO COM O
CONHECIMENTO

Valdir Heitor Barzotto

MERCADO[®]
 LETRAS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Barzotto, Valdir Heitor

Leitura, escrita e relação com o conhecimento / Valdir Heitor Barzotto. – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2016. – (*Coleção Fazer A-parecer*)

Bibliografia.

ISBN 978-85-7591-414-4

1. Escrita – Estudo e ensino 2. Leitura – Estudo e ensino
3. Professores – Formação profissional 4. Textos – Interpretação I. Título. II. Série.

16-01770

CDD-370.71

Índices para catálogo sistemático:

1. Professores de português : Formação profissional :
Educação 370.71

Coleção Fazer A-Parecer

Coordenadores: Valdir Heitor Barzotto

Marinalva Vieira Barbosa

capa e gerência editorial: Vande Rotta Gomide
preparação dos originais: Editora Mercado de Letras

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

VR GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

www.mercado-de-letras.com.br

livros@mercado-de-letras.com.br

1ª edição

MARÇO/2016

IMPRESSÃO DIGITAL

IMPRESSO NO BRASIL

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.
É proibida sua reprodução parcial ou total
sem a autorização prévia do Editor. O infrator
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

Dedicatória

*Às três pessoas mais próximas Claudia,
Laura e Domenico, que construíram em mim
a sensação de inquebrabilidade.*

Agradecimentos,

A todas as pessoas que participaram dessa construção. São tantos tempos alinhavados em textos escritos em momentos tão diferentes! Por isso simplifico os agradecimentos elegendo Rosana Ribeiro Ramos, leitura paciente de mais de uma versão do original, para representar as tantas outras a quem sou muito grato pela companhia.

Do mesmo modo, elejo os membros da banca de livre docência – Professores Rodolfo Ilari, Nilson José Machado, Cecília Cortez, Juvenal Zanchetta, Manoel Correia Gonçalves – em nome de quem agradeço os profissionais que tantas vezes analisaram os trabalhos que escrevi, nessa vida acadêmica repleta de provas.

SUMÁRIO

NOTA DO AUTOR 9

INTRODUÇÃO 11

Parte I

EM CANTOS DE TEXTOS – PARA OUVIR E GUARDAR

JUVENTUDE DO TEXTO. 19

AUTONOMIA NA LEITURA E NA ESCRITA 51

LEITURA E ESCRITA SOB PRESSÃO 67

Parte II

LER EM CENA ESCRITA – ESCREVER ENCENA LEITURA

CENAS NA ESCRITA 97

RIOS DE TEXTOS 111

O LEITOR ENTRANDO ENCENA 123

TEXTOS EM ALUVIÃO 143

CONSIDERAÇÕES FINAIS. 165

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS. 175

NOTA DO AUTOR

O presente livro veio a público inteiro primeiro como tese por ocasião de meu concurso de livre-docência na Faculdade de Educação da USP, no ano de 2013. No entanto, foi se fazendo pouco a pouco ao longo de 25 anos de trabalho na formação de professores de Língua Portuguesa, dentre os quais me incluo. Ao tentar entender o que é uma tese de livre-docência, fiquei entre fazer uma tese original, como resultado de uma pesquisa recente ou compor uma tese reunindo artigos publicados ao longo de um período da carreira. Acredito ter adotado um terceiro caminho. Após ter chegado a uma hipótese de trabalho que me pareceu sustentável, retornei sobre a trajetória de escritas que fui fazendo enquanto me formava e procurei reunir pontos que me permitissem entender como a hipótese/tese foi se tornando possível. Verifiquei que em um dos eixos em torno do qual desenvolvo meu trabalho, ela já se insinuava desde muito cedo. então reapresento escritos que indiciam essa construção. a incorporação de textos escritos anteriormente exigiu uma tomada de decisão a respeito da sua apresentação. Alguns textos que escrevi foram reapresentados aqui na íntegra ou em partes. Há também trechos de textos de alunos. Eles não são dados de pesquisa, não foram escritos para compor o presente trabalho e também não são embasamento teórico. Por isso, procurei deixá-los identificados tanto explicitando sua natureza,

quanto utilizando fonte e forma que os diferenciem visualmente das citações padrão. Além disso, procurei manter a mesma forma com que circularam antes. Como resultado desse retorno, além de continuar acreditando na produtividade da tese/ hipótese de trabalho que persegui, descobri que há ainda pelo menos mais dois eixos, que por enquanto ficam aguardando sua vez de se mostrarem: o trabalho com textos publicados na mídia e as proposições para que se considerem, de uma maneira bem específica, as variedades linguísticas como objetos legítimos de pesquisa e ensino.

INTRODUÇÃO

*Vejo tudo outra vez com uma nitidez
que me cega para o que há aqui.*

Fernando Pessoa

Por aqui me apresento de novo, a mim mesmo, com a licença de Milton Nascimento, outra vez nos bailes da vida. Não sei se fui gente boa quando pus o pé nessa profissão, mas venho da estrada de terra e trago forte comigo as lembranças do que eu era. Algumas delas, agora com a alma ainda mais repleta de chão, compartilho com aqueles que acham possível buscar o caminho que vai dar no sol.

Apresento-me, portanto, num exercício que busca delinear em alguns textos que escrevi, reapresentados na íntegra ou reescritos, alguns traços de quem eu era, o que de mim hoje já estava lá.

Faço isso por três motivos principais, e por outros que deverão aparecer durante esse texto, e que, talvez, só mais tarde possam ser percebidos.

O primeiro motivo que me leva a rastrear alguns de meus próprios textos é a certeza de que nunca se sabe completamente o que se escreve e por que se escreve o que se escreve. Mas não deixamos – e não deixemos! – de escrever por isso.

Então, assumamos, ler e escrever implicam atirar-se rumo ao desconhecido. O que foi escrito, por nós ou por outros, exige esse constante retorno em busca de algumas coisas a mais que possam recompor o que se achou ou se perdeu no percurso. O que é *ter sido escrito*, esperemos que se escreva neste trabalho.

O segundo motivo, complementar ao primeiro, por que faço esse exercício de retorno sobre o que escrevi, é por acreditar que a sensação de perda que alimentamos diante de algumas concessões vividas em um percurso de escrita, quando as reações dos primeiros leitores nos conduzem, ainda que pela lisonja, a autocríticas e cortes, pode ser redefinida. O retorno permite verificar que algo permanece nos textos e impulsiona a continuidade da busca: são as conquistas que, na juventude do texto, algumas vezes são mal percebidas e outras mal assumidas pelo próprio autor.

Uma releitura pode mostrar que, apesar dos cortes, um texto preserva marcas que alimentam a persistência na busca. Os retornos permitem o reencontro com nossas teimosias, desobediências, e com as ideias guardadas em cantos de textos que, incômodas, pesam no dia-a-dia. – Você ainda não me deu a vida que mereço. – dizem elas.

O terceiro motivo é minha hipótese de que, para se ensinar a leitura e a escrita como produção é necessário que ambas sejam garantidas a todos como um direito, a começar por quem vai ensinar. Em função disso, vou me referir abundantemente durante este texto aos modos como professores em formação são apresentados aos textos que versam a respeito de temas atinentes à sua atuação, assim como sobre a natureza da leitura e da escrita que a eles são solicitadas. De certa maneira, perpassará todo o trabalho que ora apresento uma crítica às perspectivas de leitura que buscam apenas a adesão dos leitores que são colocados na posição de aprendizes.

Dedico o exercício de trazer à tona alguns desses traços conservados, em algum canto dos textos que escrevi, àqueles que

estão em formação, e que, por vezes, se sentem convidados a fazer adesões, algumas desnecessárias. Gostaria de partilhar com eles a noção de que concessões não implicam necessariamente abandono do que se pensa, bem como a compreensão da importância de se manter algumas convicções. Elas servirão de apoio para uma nova construção mais tarde, quando a ordem hegemônica, à qual se tentou submetê-los, perdeu força. A melhor relação que quem estuda, qualquer que seja o nível, pode estabelecer com ordens estabelecidas é a do conhecimento delas, mas preservando sempre a desconfiança, a curiosidade, para suas potencialidades criativas não se esvanecerem junto com a posição hegemônica, quando seu tempo tiver passado.

Posto isso, estou em condição de explicitar a tese, ou hipótese de trabalho, que venho construindo, cuja construção espero que possa ser vislumbrada nos diferentes textos, escritos em diferentes momentos, rerepresentados ou reescritos ao longo deste trabalho. Ao escrever, crianças ou adultos passam por processos muito semelhantes. Estar diante da necessidade de escrever implica estar diante de medos e incertezas inerentes à escrita de um texto. Em função disso, atualiza-se para o sujeito o traçado da entrada na linguagem feito por qualquer falante. A depender do encaminhamento dado aos medos, ao refazer esse traçado, alguns passam a procurar um modelo que acomode o texto e as posições nele constituídas para se livrar do embate com os próprios temores.

Para escrever, no entanto, quanto mais esses medos, e as inibições deles decorrentes, forem enfrentados – e não denegados –, mais possibilidades aquele que escreve terá de fazer um texto próprio.¹

Quanto ao ensino da leitura e da escrita, a apresentação de modelos pode ser útil para dar alguma sensação de segurança

1. A propósito dos medos frente à demanda para escrever ver principalmente Barzotto (2011b, 2013).

e garantir a continuidade do trabalho, mas é preciso acrescentar desafios que promovam deslocamentos rumo ao desconhecido.

É preciso, ainda, ter sempre claro que escrever e publicar implicam escolhas, sempre incertas. Pela própria natureza da língua, com a qual não se pode expressar tudo, e pela contingência na qual se escreve, há riscos. Afinal, como se lê em frase atribuída a Picasso – *Se sabemos exatamente o que vamos fazer, para quê fazê-lo?*² Então, fazendo ou não concessões, tentando ou não manter-se próximo da posição majoritária, se houve leitura, se há escrita, será sempre possível encontrar ecos do que ficou irrealizado.

Por isso, é necessário voltar constantemente aos nossos escritos para reencontrar as posições que, mesmo com todo o cuidado tomado frente às inseguranças acionadas quando se escreve, acabam por se deixar entrever. Então, o melhor a fazer, para haver a possibilidade do reencontro, tanto do autor em seu próprio texto, quanto do leitor com alguém, cujo encontro vale a pena, é manter as marcas próprias de cada um, guardadas em algum canto do texto. Por que um texto materializa justamente tentativas, não sendo possível redizer claramente quais foram os caminhos seguidos, é melhor, então, que cada texto guarde os seus segredos.

Nos exercícios de reconstituição de percursos, são esses segredos que alimentam o prazer momentâneo da ilusão de vislumbrar um trajeto já feito; é isso que alimenta a coragem de seguir. Portanto, que as concessões não esvaziem o texto e, conseqüentemente, não inutilizem o retorno.

Se, por um lado, um retorno sobre o próprio percurso comporta uma ilusão de reconstituí-lo e mesmo de capturá-lo, por outro lado, o texto, no qual as supostas constatações do retorno são expostas, não é de todo ilusório, pode-se sim extrair dele algo de pertinente ao percurso revisitado. Como afirma Wittgenstein

2. Citado por Antonio D. Olano em *Picasso íntimo: 1971 noventa años* (Olano 1971, p. 91).

(2010, p. 139) em sua proposição 2.022: É óbvio que um mundo imaginário, por mais que difira do mundo real, deve ter algo – uma forma – em comum com ele.

Vivemos, então, entre o grau de ficção que todo texto comporta e suas possibilidades de incidência sobre o mundo.

Dito isso, informo brevemente a divisão deste texto. A parte I apresenta um histórico, por onde penso que fica clara a construção de um posicionamento quanto à importância de não se descartar o conhecimento produzido em nome da adesão ao que é denominado novo, atual, moderno etc. Se se deve ir ao novo, que seja pelo compromisso de cada um em produzi-lo.

Na parte II, retorno aos momentos em que fui anunciando a tese, tal como acabamos de apresentar, com o objetivo de delineá-la melhor. Na construção desse percurso, tomo por base os textos produzidos na universidade, lugar de onde se espera a produção de conhecimento, insistindo que nem sempre quem aí escreve está devidamente engajado nessa tarefa.